

APROVADO FIM DO USO DE
ANIMAIS SELVAGENS NO CIRCO

MAGAZINE DE VETERINÁRIA DO ÍNDICE®

NOV 2018

VET DIGEST®

DOWNLOAD GRÁTIS

WWW.INDICE.EU

DESAFIOS DE UM
**ANIMAL COM
DEFICIÊNCIA**

**LEBRES COM
MIXOMATOSE**
EM PORTUGAL

UE PEDE O FIM DO
CHUMBO
NAS MUNIÇÕES
DE CAÇA

**ANIMAL
PERDIDO**
O QUE DEVE FAZER?



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003





Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU

6 ANIMAL PERDIDO

Sabe o que fazer?



DESAFIOS DE UM ANIMAL COM DEFICIÊNCIA

Ajude-o a lidar com as dificuldades



18



16

Saúde animal

Casos de mixomatose em lebres confirmados em Portugal

- 12 **Investigação**
Labradores castanhos mais propensos a problemas de saúde

- 13 **Nutrição animal**
Veterinários americanos chegam a consenso sobre alimentação dos gatos



14

- 14 **Saúde e ambiente**
UE pede o fim do chumbo nas munições de caça

- 15 **Investigação**
Cães conseguem detetar malária



17

- 17 **Bem-estar animal**
Aprovado fim do uso de animais selvagens no circo



27

- 27 **Conservação de espécies**
Jardim Zoológico de Lisboa acolhe nascimento de ave quase extinta

- 28 **Evento**
XV Congresso do Hospital Veterinário Montenegro



29

- 29 **Natureza**
Falta regulamentação na utilização de abelhões polinizadores nas estufas

- 30 **Nutrição animal**
Alimentação mista beneficia saúde canina

ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**



Compatível com as últimas versões iOS e Android
Faça Download Gratuito nas App Stores



ANIMAL PERDIDO

Sabe o que fazer?

Perder um animal de companhia é um receio que preocupa a maioria dos tutores. E até pode parecer algo que nunca acontece aos mais cuidadosos mas, acredite, o risco é constante.

É muito fácil esquecer uma janela, porta ou portão aberto por onde o animal se possa escapar. Por vezes são eles próprios que abrem as janelas com as patas e até conseguem fugir das caixas de transporte, caso não estejam bem fechadas, ou não sejam apropriadas ao seu porte.





Outro problema que pode contribuir para a perda do animal é o excesso de confiança. Não se deve deixar os animais andar à solta pois podem assustar-se com algo fora do normal e fugir.

Por norma, fogem por medo, em resposta a determinados eventos ocasionais (fogos de artifício, trovoadas) ou para responder a instintos sexuais, caso não estejam esterilizados. Também o podem fazer por curiosidade e, se o ambiente for novo, podem sair numa tentativa de procurar o espaço anterior que lhes é mais familiar.

Casos mais raros podem envolver outras pessoas, por exemplo, vizinhos mal intencionados que, por se sentirem incomodados com a presença do animal, o soltam para que desapareça.

Existem ainda casos em que os animais são raptados, principalmente se forem de raças valiosas.

Os animais mais independentes, que normalmente têm acesso não vigiado à via pública, apesar do bom sentido de orientação para regressar a casa, também se podem perder. Para isso basta um grande susto que os faça fugir ou distraírem-se a perseguir uma presa.

A partir daqui, para além do desconforto que o animal sente ao estar perdido, corre vários riscos. Gatos ou cães perdidos podem ser atropelados, magoar-se durante a fuga, ficar presos nalgum lugar não conseguindo regressar, ser atacados por outros animais, contrair doenças e parasitas, entre outras adversidades.

Todos os animais devem estar registados na junta de freguesia e os cães deverão ser portadores de um chip de identificação e ter a vacina da raiva em dia

Com o desaparecimento do seu melhor amigo, para além da preocupação, o tutor também pode sofrer consequências. Todos os animais devem estar registados na junta de freguesia e os cães deverão ser portadores de um chip de identificação e ter a vacina da raiva em dia. Caso não tenha cumprido estes requisitos, o tutor poderá ser multado. Os problemas, contudo, não ficam por aqui, todos os danos provocados a terceiros pelo animal terão de ser suportados pelo tutor.

Se o animal não estiver castrado ainda pode contribuir para a reprodução de outros cujo destino, possivelmente, será o abandono. No caso das fêmeas inteiras, poderão regressar a casa prenhas. Para não ficar exposto a estes e outros problemas, o melhor mesmo é evitar a todo o custo que o seu animal se perca ou fuja. Mas, e se tal acontecer, sabe o que fazer?

Como procurar um animal desaparecido?

As primeiras horas são cruciais para encontrar um animal desaparecido.

Mal dê pela falta do seu fiel amigo, e antes de entrar em pânico, o tutor deve fazer uma busca exaustiva dentro de casa (podem esconder-se em locais impensáveis mas muitas vezes ficam presos atrás de móveis ou eletrodomésticos) e, caso tenha, no terreno da propriedade, pois podem esconder-se em buracos ou ficar presos nas vedações.

Não o encontrando aí, é importante agir de imediato. O tutor deve ter em conta que a distância percorrida pelo animal é maior ou menor consoante o seu tamanho, devendo começar por procurar nos lugares mais próximos de onde saiu, e num raio de 3 km.

Pode pedir ajuda a familiares e vizinhos e ir perguntando às pessoas que encontre pois quanto mais pessoas estiverem envolvidas maiores serão as hipóteses. Se tiver outro animal e ambos se derem bem, se for viável, leve-o consigo pois pode ajudar.

A busca deve chegar a todos os locais possíveis: arbustos, debaixo de carros, garagens dos vizinhos, casas devolutas, contentores, e o animal deve ser chamado pelo nome, pois consegue ouvir a grandes distâncias. Provavelmente não virá, mesmo estando treinado, no entanto, ouvir um som familiar poderá acalmá-lo.



Convém permanecer em silêncio de vez em quando para verificar se existe alguma resposta (ganir ou miar baixinho).

Caso não o encontre, há outras técnicas que pode pôr em prática. Para começar, é importante publicar um anúncio de animal desaparecido em sites próprios para o efeito, como o <https://www.encontre-me.org>, ou o <http://findmypet.omv.pt>, por exemplo. Graças ao poder das redes sociais, a divulgação do desaparecimento também deve ser feita no Facebook, e pode enviar mensagens via twitter e e-mail para mobilizar os amigos.

Convém fazer folhetos com uma foto recente do animal, que deverão ser divulgados nas lojas do comércio local, supermercados, lojas de animais, e afixados em postes de rua, paragens de transportes públicos, bombas de gasolina, e até oferecidos a taxistas, pois andam todos os dias na rua e podem avistá-lo.

Tenha o cuidado de inserir informações que possam ajudar terceiros na eventualidade de o verem – por exemplo, indique se este é sociável ou se, pelo contrário, não convém tentar agarrá-lo (pois tal poderá afugentá-lo ainda mais). Ao descrevê-lo, oculte uma ou duas características identificadoras (uma particularidade física ou a cor da coleira, por exemplo) e nunca divulgue um número de microchip ou a inscrição de uma tatuagem – uma medida essencial para evitar fraudes ou tentativas de burla. Os folhetos deverão ser repostos, pois à medida que os dias passam acabam por desaparecer.



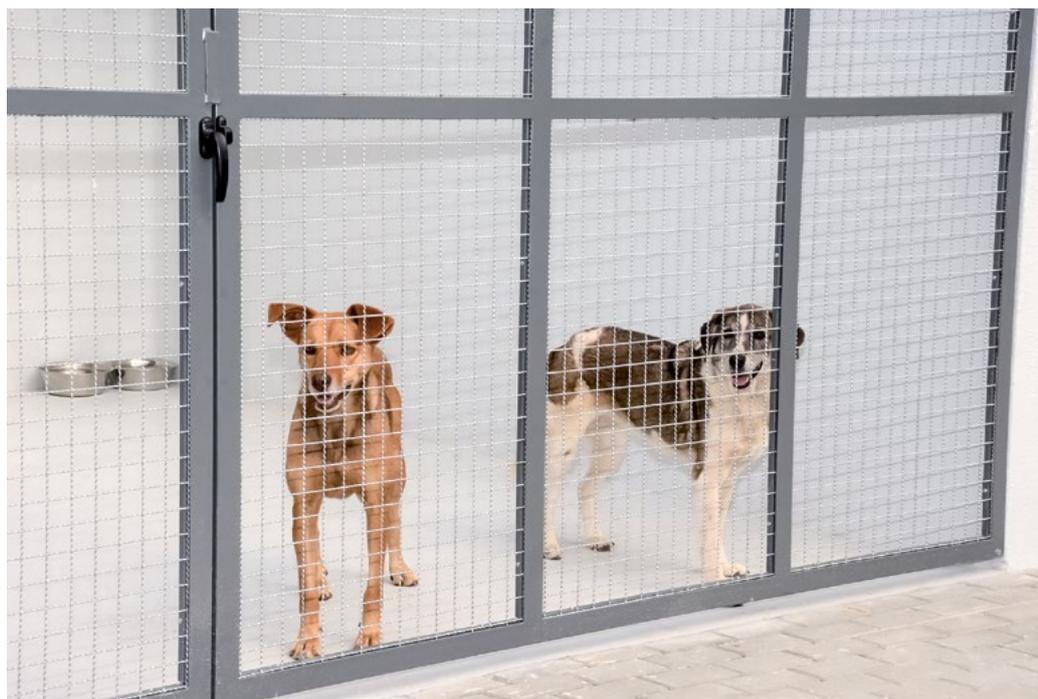
É aconselhável avisar o seu médico veterinário e os das redondezas da situação e tentar saber se o animal terá dado entrada para tratamento ou verificação de microchip. Se este o tiver deverá haver uma notificação para o SIRA ou SICAFE. Reporte o seu desaparecimento à Polícia, à GNR, na junta de freguesia, quantas mais instituições tiverem conhecimento, mais hipóteses tem de o reaver.

Deve ainda fazer uma visita aos Centros de Recolha de Animais mais próximos. Um telefonema pode não ser suficiente já que a sua descrição nem sempre irá corresponder à descrição de outra pessoa. Além disso, um animal pode mudar bastante de aspeto com o passar do tempo e com a ausência de cuidados, pelo que é importante verificar pessoalmente.

Devem também ser contactadas as associações de proteção mais próximas. Se o animal foi adotado numa associação, esta deve ser informada do seu desaparecimento o quanto antes para que também possa ajudar na procura e divulgação.

Uma outra tarefa, um pouco triste mas que deve ser feita, é entrar em contacto com as Estradas de Portugal para saber se foi encontrado algum animal morto na via.

Se o animal desapareceu do jardim é aconselhável deixar o portão aberto na eventualidade de este regressar pelos próprios meios. Se não foi o caso, convém o tutor regressar com alguma frequência ao local do desaparecimento, pois mesmo que não tenha acontecido perto



de casa há animais que voltam ao local, por ser essa a sua última referência.

Tenha em mente que à medida que os dias forem passando o raio de busca também deverá aumentar.

No caso de ser um gato o animal desaparecido, devem ser seguidos os mesmos procedimentos, no entanto, inicialmente o raio de busca é menor porque a maioria dos gatos, quando assustados, refugia-se no primeiro esconderijo que encontra e não percorre grandes distâncias.

A busca neste caso deve incidir, para além dos esconderijos que considerem mais prováveis, nas casas vizinhas e em garagens que estejam perto. E neste caso deve dar-se atenção especial aos locais quentes e abrigados (motores de carros, valas, atrás de caixotes) e a locais elevados (árvores, telhados).

Se a fuga aconteceu durante o dia, todos os passos devem ser repetidos à noite, pois os gatos têm maior propensão para sair dos esconderijos quando está mais escuro e tranquilo.



No caso dos gatos, se a fuga aconteceu durante o dia todos os passos devem ser repetidos à noite pois estes têm maior propensão para sair dos esconderijos quando está mais escuro e tranquilo.



Entretanto, é muito importante que esteja alguém sempre em casa. Os gatos são seres muito territoriais e se regressarem e não houver ninguém para os receber poderão ir embora de novo.

Quanto a informações, independentemente de ser um cão ou um gato o animal perdido, não descarte nenhuma pista. Se receber informações sobre um animal muito semelhante ao seu não descarte essa pista apenas com base na distância ou em fatores como a ausência/presença de coleira ou microchip, por exemplo.

Um animal pode aparecer a muitos quilómetros do local de desaparecimento por ter sido recolhido por alguém que estivesse de passagem e more longe, e o facto de ter desaparecido sem coleira não quer dizer que se manteve sem uma (pode ter sido recolhido por alguém que lhe pôs coleira e ter voltado a fugir), e se desapareceu com coleira rapidamente pode ficar sem ela.

No que diz respeito ao microchip, um animal sem microchip pode ter sido recolhido por alguém que lho pôs, e um com microchip pode ser considerado como não tendo identificação apenas por este não ter sido detetado pelo leitor (acontece com alguma frequência) ou, pior ainda,

o microchip pode ter sido retirado por pessoas mal-intencionadas.

Não desanime. Há casos de animais (cães e gatos) que estiveram desaparecidos durante meses e que acabaram por ser encontrados. Insista na substituição de folhetos danificados e contacte regularmente as clínicas veterinárias do distrito do local de desaparecimento (e, eventualmente, distritos adjacentes).

Na eventualidade de o seu animal ter sido recolhido por alguém, as probabilidades de ir a uma clínica veterinária são altas. Por outro lado, a divulgação pode chegar a alguém que possa ajudar e que não tivesse tido conhecimento do sucedido aquando de divulgações anteriores.

Acima de tudo, não desista! Não deixe de procurar, pois tal como o tutor sente a falta do seu amigo, este também está ansioso para regressar a casa.

Saber Mais:

<https://www.encontra-me.org/>

<http://findmypet.omv.pt>

<https://arcadenoe.pt/article/118/animal-perdido-como-o-encontrar>



Não desanime. Há casos de animais que estiveram desaparecidos durante meses e que acabaram por ser encontrados.



Labradores castanhos mais propensos a problemas de saúde

Um estudo realizado por investigadores da Universidade de Sydney, na Austrália, e do Royal Veterinary College, no Reino Unido permitiu concluir que a esperança média de vida dos labradores castanhos é significativamente mais baixa do que a dos labradores pretos e amarelos.

Durante o trabalho, publicado na revista científica *Genética Canina e Epidemiologia*, a equipa analisou dados de 33.320 labradores, dos quais uma amostra aleatória de 2.074 foi selecionada para avaliar problemas de saúde e mortalidade. Dos labradores estudados, 44,6 por cento tinham pelagem preta, 27,8 por cento eram amarelos e 23,8 por cento, eram cor de “chocolate”.

O gene da cor de “chocolate”, ao contrário dos genes das cores preta e amarela, é recessivo nos labradores, o que significa que tanto a mãe quanto o pai devem ser desta cor para produzir a característica nos filhotes. Segundo os autores do estudo, este tom de pelo é desejada nas ninhadas, por isso, os criadores são motivados a reproduzir a partir de certas linhas que podem inadvertidamente aumentar a predisposição das crias para certas doenças.

Os resultados da investigação revelaram que os labradores castanhos têm uma esperança média de vida 10 por cento inferior face aos animais das outras tonalidades.

Esta diferença acontece porque a cor “chocolate” é proveniente de um gene recessivo que, quando presente



em qualquer raça de cão pura, torna o animal mais suscetível a doenças e problemas de saúde. Neste caso, os animais com pelo castanho são mais sensíveis a desenvolver problemas nas articulações, doenças de pele e inflamações de ouvido, além de obesidade.

Mas a influência humana na construção de raças não influencia apenas o Labrador.

Já não é novidade a existência de outras raças a sofrer de problemas de saúde devido a mudanças conduzidas pelos humanos, como é o caso, por exemplo, dos Pugs e dos Bulldogs Franceses, que, por terem o focinho achatado, sofrem com problemas respiratórios.

Saber Mais:

<https://cgejournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40575-018-0064-x>

<https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-6299967/Chocolate-labradors-life-expectancy-YEAR-yellow-black-labs.html>

<https://gizmodo.com/demand-for-chocolate-labs-is-making-them-sick-and-prone-1829910003>

Veterinários americanos chegam a consenso sobre alimentação dos gatos

A American Association of Feline Practitioners (AAFP) publicou recentemente uma declaração de consenso em relação à alimentação dos gatos. O objetivo é que o documento se torne num “guia” sobre a alimentação dos felinos tanto para tutores de gatos, como para a comunidade veterinária.

Segundo a AAFP, o documento explora os problemas médicos, sociais e emocionais que podem resultar da forma como muitos gatos são atualmente alimentados. Oferece estratégias que permitam a adoção de comportamentos alimentares normais nos felinos no seu ambiente, prevenindo problemas relacionados com o stress ou de sobrealimentação.

Os autores do documento, publicado na revista científica *Journal of Feline Medicine and Surgery*, são da opinião de que o processo de alimentação atual não aborda as necessidades de comportamento dos gatos.

Os programas de alimentação apropriados devem ser personalizados para cada lugar e devem ter em conta as necessidades de todos os gatos.

O documento inclui informação para gatos *indoor* e *outdoor*, bem como para tutores que tenham vários gatos e os problemas relacionados com os vários métodos de alimentação, como obesidade e problemas relacionados com stress.

Além de dicas sobre como criar um plano alimentar adequado para cada gato, a associação disponibilizou algumas brochuras para os tutores de gatos com conselhos sobre como alimentar corretamente estes animais.

De entre as várias recomendações, o destaque vai para os quebra-cabeças para gatos (*Food puzzles*), que são comedouros desenvolvidos não só para alimentar o gato mas também para estimular a sua cognição, ajudar na perda de peso e ainda são auxiliares no tratamento da

síndrome de pica (compulsão por comer coisas que não são comestíveis).

É conveniente ainda colocar várias porções de comida em locais diferentes, para incentivar o comportamento de a procurar e, numa casa com vários gatos o tutor deve optar por vários comedouros distribuídos por diferentes locais da casa, com separação visual entre eles.

Saber Mais:

<https://www.sciencedaily.com/releases/2018/10/181030110651.htm>

<https://www.catvets.com/guidelines/practice-guidelines/how-to-feed>



UE pede o fim do chumbo nas munições de caça

Um relatório solicitado pela Comissão Europeia à Agência Europeia de Químicos (ECHA) recomenda a proibição do chumbo em munições de caça e o uso de alternativas menos tóxicas, uma vez que este metal põe um risco tanto a saúde humana como o ambiente.

A ECHA estima que todos os anos cerca de 14 mil toneladas de munições de chumbo sejam dispersas fora das zonas húmidas na União Europeia. O resultado poderá ser entre 1 a 2 milhões de aves a morrer envenenadas todos os anos na Europa. Só em Espanha, onde 86 por cento do território é cinegético, o chumbo usado para caçar 20 milhões de peças por ano origina cerca de seis mil toneladas de emissões.

Mas não são apenas as aves que sofrem. As munições que ficam no terreno após uma caçada ainda podem ser ingeridas por aves como gansos e cisnes, que engolem pequenas pedras para auxiliar na digestão. E mesmo que as aves não as ingiram, o chumbo dessas munições pode penetrar no solo e contaminar as linhas de água, pondo em risco todo o ecossistema e a saúde pública.

Para quem consome carne de caça, o risco é mais direto: a carne de caça na UE contém, em média, 12 a 31 vezes mais chumbo do que o máximo permitido para a carne proveniente de explorações agropecuárias – valores preocupantes para um metal que pode causar problemas neurológicos.

O relatório adverte ainda que o chumbo se fratura em fragmentos tão pequenos e que estes se espalham de tal maneira pelo corpo do animal abatido que é impossível retirá-los todos, assim, se a munição tiver chumbo, a carne terá sempre chumbo, por mais cuidado que se tenha na sua preparação.

Os relatórios da ECHA concluem ainda que existem alternativas ao chumbo que permitirão um impacto muito menor na saúde e no ambiente sem prejuízo económico.

Perante os perigos enumerados, a agência recomenda à Comissão Europeia que se implementem restrições ou mesmo proibições do uso do metal.

Saber Mais:

https://echa.europa.eu/documents/10162/13641/lead_ammunition_investigation_report_en.pdf/efdc0ae4-c7be-ee71-48a3-bb8a-be20374a

<https://www.wilder.pt/historias/agencia-europeia-pede-proibicao-ou-restricao-do-chumbo-na-caca/>

Segundo a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) a proibição do chumbo é urgente e vai contribuir para a conservação da natureza e reduzir os riscos para a saúde pública e preservação do solo e recursos hídricos. É, portanto, essencial a existência de mais recursos para fiscalização e vigilância.

Cães conseguem detetar malária

Já não é a primeira vez que é demonstrada a eficácia dos cães na deteção de doenças humanas. Vários estudos anteriormente publicados revelaram que os cães podem ser úteis na deteção do cancro da próstata, e em situações de hipoglicemia em pessoas com diabetes.

Recentemente, uma investigação realizada na Universidade de Durham, no Reino Unido, e financiada pela Bill and Melinda Gates Foundation, revelou que os cães também podem ser uma “arma” poderosa no combate à malária, uma vez que conseguem detetar a doença através do cheiro das meias de pessoas infetadas.

Segundo Steven Lindsay, um dos autores do estudo, em muitos casos, a malária é uma doença que revela os seus sintomas de forma muito rápida, mas outras vezes, as pessoas podem ser portadoras da doença sem demonstrar sintomas óbvios.

Se uma em cada mil pessoas tiver o parasita da malária, não é possível fazer testes sanguíneos nessas mil pessoas para identificar aquela que tem a doença, por essa razão, o cientista defende uma abordagem não invasiva.

As pessoas infetadas com malária produzem odores através do hálito e da pele



As pessoas infetadas com malária produzem odores através do hálito e da pele que são sinais específicos.

Saber Mais:

<http://malaria.lshtm.ac.uk/news-events/news/can-dogs-detect-malaria>

<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/29/dogs-noses-powerful-weapon-malaria-symptoms>

<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/malaria-caes-podem-ser-treinados-para-farejar-doenca-antes-que-esta-atue>

que são sinais específicos. Assim, no estudo, os investigadores pediram a crianças na Gâmbia que usassem meias de *nylon* durante a noite e que fossem submetidas a análises sanguíneas.

Depois, as meias eram congeladas e enviadas para o Reino Unido, onde dois cães – um labrador e um labrador-retriever – foram ensinados a detetar se as meias tinham sido usadas por crianças com malária ou não.

Os cães conseguiram detetar as meias de crianças com malária em 70 por cento das vezes e reconheceram, de forma correta, as que haviam sido usadas por aquelas sem a doença em 90 por cento dos casos.

Apesar do sucesso da investigação, os cientistas ressaltam que ainda precisam ser realizados novos testes, com uma amostragem maior. Para já pretendem fazer uma prova de conceito utilizando pessoas infetadas com a doença em vez das suas meias.

Casos de mixomatose em lebres confirmados em Portugal

O Laboratório de Virologia do INIAV I.P., em Oeiras, confirmou no início do mês, por testes moleculares, diagnósticos de mixomatose em lebres (*Lepus granatensis*) nos conelhos de Évora e Beja, respetivamente.



O vírus da mixomatose circula há várias décadas em Portugal, afetando quer o coelho doméstico, quer o coelho-bravo. Embora a doença não tenha consequências para a saúde pública é de declaração obrigatória.

A Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) está a recomendar o reforço das medidas de vigilância, nomeadamente a prospeção de cadáveres e de lebres doentes no campo.

Os cadáveres dos animais devem ser enviados para os pontos de recolha definidos no âmbito do projeto +Coelho (maiscoelho@iniav.pt) ou ser eliminados através de enterramento, após cobertura com cal viva, ou por encaminhamento para unidade de tratamento de subprodutos aprovada.

A DGAV aconselha também a reforçar a adoção de medidas de higiene e de prevenção da transmissão de doenças, nomeadamente a desinfeção do calçado, dos equipamentos (incluindo bebedouros) e das rodas dos veículos nas zonas de caça, assim como a evisceração de animais em ato venatório sobre um plástico.

Neste momento desaconselha-se a suplementação de alimento – como forma de desfavorecer a proximidade entre os animais –, e a movimentação (captura, translocação, repovoamento) de lebres e de coelhos-bravos, provenientes das áreas afetadas.

Saber mais:

http://www.iniaav.pt/fotos/editor2/noticia_56_mixomatose_lebre.pdf

<http://agriculturaemar.com/evora-e-beja-primeiros-casos-de-mixomatose-em-lebres-confirmados-em-portugal/>

<http://www.qualfood.com/noticias/item/1158-primeiros-casos-de-mixomatose-em-lebres-confirmados-em-portugal>

Aprovado fim do uso de animais selvagens no circo

A medida foi aprovada recentemente no parlamento com os votos do PAN, BE, PEV, PSD e PS.

A nova lei vem atualizar a legislação de 2009 e permitirá criar um Cadastro Nacional de Animais utilizados no circo, que reunirá os dados de todos os exemplares existentes nos circos, e cuja atualização será trimestral.

Os circos terão seis meses para identificar junto das autoridades os animais selvagens que têm nos seus espetáculos, tendo posteriormente um prazo de seis anos para os entregar às autoridades.

Os circos terão um prazo de seis anos para entregar os animais às autoridades.

As referências a animais selvagens dizem respeito exclusivamente aos espécimes das espécies incluídas nas listas constantes de dois anexos de uma portaria de março relativa à proibição ou condicionamento da detenção de espécimes vivos.

Dessas listas de espécies fazem parte macacos, elefantes, tigres, leões, ursos, focas, crocodilos, pinguins, hipopótamos, rinocerontes, serpentes e avestruzes.

De acordo com a proposta aprovada, os circos que entregarem os seus animais selvagens voluntariamente receberão “apoio para a reconversão e qualificação profissional”. Trata-se de um passo muito importante porque esta é a única lei no mundo que garante aos trabalhadores dos circos que cedam voluntariamente os animais este tipo de apoio.

Os animais que forem entregues de forma voluntária ao Estado serão colocados em centros de acolhimento, em Portugal ou no estrangeiro, que garantam o seu bem-estar de acordo com as características e necessidades biológicas e etológicas de cada um.

Por sua vez, os trabalhadores do circo que optem pela entrega, serão integrados no Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP).

Saber mais:

<https://www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/circos-tem-seis-anos-para-deixar-de-usar-animais-selvagens--10111019.html>

<https://www.jn.pt/nacional/interior/seis-meses-para-os-circos-dizerem-que-animais-tem-e-seis-anos-para-entrega-los-10110181.html>

<https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/fim-do-uso-de-animais-selvagens-no-circo-aprovado-no-parlamento>



BEM-ESTAR ANIMAL



DESAFIOS DE UM ANIMAL



Adotar um animal de companhia é assumir uma responsabilidade para toda a vida – o que inclui os bons e os maus momentos. E, não duvide, os desafios do dia-a-dia não são enfrentados apenas pelas pessoas, alguns animais também têm que aprender a conviver com certas dificuldades e limitações.

Ajude-o a lidar com as dificuldades

ANIMAL COM DEFICIÊNCIA



A cegueira acontece a animais de diversas idades, raças e portes, de forma gradual ou súbita, podendo decorrer de doenças, herança genética ou até de acidentes.



Tal como os humanos, os animais podem ser vítimas de doenças ou acidentes que, dependendo da gravidade, podem interromper as suas atividades normais definitivamente, levando-os a uma vida de maior dependência dos seus tutores, como é o caso da cegueira, da necessidade de amputar membros ou ainda a paralisia, por exemplo.

Altamente adaptáveis, eles conseguem, em pouco tempo, ajustar-se à nova condição voltando a estar felizes, a brincar e a passear, recuperando alguma da sua qualidade de vida, no entanto, um animal de companhia deficiente não deve ser tratado do mesmo modo que um que o não é.

E não se trata de ter compaixão, ou de evitar tocar-lhe com medo de o magoar, o que se passa é que um animal deficiente tem necessidades diferentes.

Felizmente, com o avanço da medicina e a dedicação dos profissionais da área veterinária, a maioria dessas doenças e problemas pode ser minimizada com a utilização de tecnologias que até há pouco tempo estavam restritas ao ser humano.

As soluções da medicina veterinária

Os animais com deficiência, apesar das suas limitações, são muito ativos. Para lhes devolver a mobilidade perdida e a qualidade de vida, a medicina veterinária tem vindo a criar vários equipamentos, tendo sempre em mente a sua segurança e uma vida mais saudável. É o caso das órteses e das próteses.

As órteses são aparelhos cujo objetivo é suprir ou corrigir a alteração morfológica de um órgão, um membro ou um segmento de um membro, e até a deficiência de uma função. Já as próteses destinam-se à substituição de órgãos, de um membro ou parte do membro destruído ou gravemente acometido.

Em formato de tala e compostas por materiais como neoprene e materiais termoplásticos, as órteses são desenvolvidas para oferecer ao animal o máximo de conforto e mobilidade, tanto para as patas dianteiras (ombros, cotovelos e carpos) quanto para as traseiras (quadril, joelhos e calcânhares).

Os equipamentos são ajustados com tiras de velcro e estão disponíveis comercialmente em vários tamanhos (do Micro ao GGG), mas também podem ser confeccionados sob medida.

Nos casos em que o animal tenha de usar uma destas soluções é essencial que o processo de reeducação para a caminhada e o retorno à vida normal seja acompanhado por um profissional.

A fase de adaptação ao aparelho é muito importante, pois o cão/gato precisa de adquirir a consciência corporal nesta nova etapa, e isso é feito através de exercícios específicos de acordo com o membro afetado.

Para um tutor a paralisia talvez seja a coisa mais assustadora que poderia acontecer ao seu animal de companhia. Inicialmente, a perda da mobilidade pode parecer o fim do seu companheiro, mas uma coisa não significa necessariamente a outra.

Para os animais paralisados as soluções disponíveis são os arneses e as cadeiras de rodas. Existem muitas cadeiras de rodas ou carrinhos pensados para animais com este tipo de problemas médicos, que são usadas principalmente por animais com paralisia nas patas traseiras, mas com pernas dianteiras fortes.



Na grande maioria dos casos, a adaptação do animal à cadeira é fácil e visível no mesmo dia em que é introduzida.

Nos casos em que este tenha estado inativo por um longo período de tempo e em que haja uma atrofia muscular, é importante levar a cabo uma introdução progressiva para que os músculos das patas da frente possam progressivamente fortalecer-se.

Os arneses também podem ser úteis para ajudar os animais a caminhar. Estes arneses especiais permitem que o tutor levante as patas traseiras do animal enquanto ele caminha com as da frente.



As órteses são desenvolvidas para oferecer ao animal o máximo de conforto e mobilidade, tanto para as patas dianteiras quanto para as traseiras.



Para alternar com as cadeiras de rodas, e para usar principalmente dentro de casa, existe ainda a opção dos sacos de arrastar. Estes sacos oferecem mais liberdade e conforto nos movimentos dos animais, evitam que se formem feridas quando se arrastam, e ainda poupam móveis e pisos.

Devem ser usados concomitantemente com fraldas descartáveis (embutidas e encaixadas num compartimento no próprio saco de arrasto).

Além de práticos para dentro de casa os sacos também são excelentes para o animal se locomover ao ar livre em terrenos irregulares, o que seria difícil nas cadeirinhas de rodas.

Para manter a flexibilidade e o tonus muscular dos animais paralisados o tutor pode recorrer a exercícios e massagens que ajudarão a melhorar a circulação sanguínea e acalmar os músculos doridos e as articulações. Ter um animal paralisado é um grande compromisso que requer paciência e observação intensa, mas vale a pena.

Além destas deficiências há outra que preocupa imenso os tutores – a cegueira de um animal. A cegueira acontece a animais de diversas idades, raças e portes, de forma gradual ou súbita, podendo decorrer de doenças, herança genética ou até de acidentes.

Quando se pensa em animais de companhia invisuais achamos que estes não têm qualidade de vida, mas isso não faz sentido. Tal como os humanos que perdem a visão, os animais também vão desenvolver os seus outros sentidos a fim de continuarem a fazer a sua vida normal.

Se o animal cegou há pouco tempo, e para evitar as repetitivas batidas em obstáculos, e as lesões daí decorrentes, o tutor pode adquirir um arnês especial para que este se mova comodamente e em segurança.

Trata-se de uma estrutura em neoprene, que possui um anel de metal onde se pode encaixar uma coleira, se necessário.





Leve, resistente e flexível este “capacete” protege a cabeça do animal e ajuda-o a caminhar calmamente evitando os obstáculos.

A situação, contrariamente ao que a maioria das pessoas poderia pensar, até nem é complicada. A dedicação dos profissionais de medicina veterinária, e a dos tutores nos cuidados em casa, podem fazer com que a vida de um animal tão especial seja quase normal.

Conselhos para facilitar a vida do animal deficiente em casa

Particularmente no que diz respeito aos animais que perderam a visão, alguns cuidados simples em casa devolvem-lhe a qualidade de vida.

Para começar, esqueça as mudanças na decoração que impliquem trocar os móveis de lugar. Os animais que perderam a visão há pouco tempo precisam de ter tudo no mesmo local como eles se lembram, além disso decoram os caminhos para se deslocarem normalmente.

Se mudar os móveis, para além de promover choques constantes vai deixar o animal desorientado.

A existência de tapetes nas principais zonas por onde ele se desloca é muito importante. As passadeiras, por exemplo, transmitem-lhe alguma segurança e evitam que escorregue. É importante criar uma zona com um tapete longo entre a sua cama e onde está a água e a comida de forma a que ele aprenda que ali se pode deslocar livremente. Pode inclusive colocar tapetes (de materiais diferentes) à entrada de cada divisão, para que ele associe mais rápido a cada zona.

Mais importante do que não mudar os móveis de local é não alterar a localização da cama, da água e da comida. É a zona dele, onde descansa, se alimenta e hidrata. Mudanças aqui poderiam trazer instabilidade e, numa fase sensível de transição devem ser evitadas.

Em caso de existirem escadas em casa, inicialmente o seu acesso às mesmas deve ser limitado. Para tal existem grades ou proteções para lhe vedar o acesso. Assim que o tutor perceba que o animal se está a adaptar melhor à sua nova condição pode apresentar-lhas aos poucos, tendo em atenção o piso das mesmas. Se for escorregadio, deverá ser colocado um tapete antiderrapante.

FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2017 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo “Pegaso” e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.

“ Para um tutor a paralisia talvez seja a coisa mais assustadora que poderia acontecer ao seu animal de companhia. ”



Com cães invisuais é muito importante a aprendizagem dos comandos básicos como: Senta, Deita, e Fica; e de comandos específicos como: Pára, Devagar, Sobe, Desce, Cuidado, Esquerda, e Direita.

No que diz respeito ao convívio com outros animais, particularmente os cães cegos são mais desconfiados em relação a outros animais. Colocar um guizo em cada coleira dos outros animais da casa é uma boa ideia pois ele saberá sempre quando algum se aproxima.

Os tutores por norma reagem pior que o animal à perda de visão deste. Em vez de ter pena dele e tentar protegê-lo de tudo, o tutor deve perceber que ele precisa de auto-confiança. A proteção em excesso vai fazer com que ele se sinta inseguro, e viver com medo não é viver com qualidade. Lembre-se disso!

Quando um cão/gato padece de uma patologia que o impede de mover-se com normalidade, não só é necessário cuidar das suas partes afetadas, como também pensar no que o afeta no seu conjunto e no que interfere na sua qualidade de vida e recuperação.

No caso dos animais paralisados, são imprescindíveis alguns cuidados básicos, como é o caso da higiene. Existem fraldas especialmente desenhadas para eles que além de absorverem, ajudam a que a urina e as fezes não irrite a pele, e ainda evitam problemas indesejáveis de sujidade no chão e tapetes.

Muitos animais com paralisia têm problemas para urinar. Nestes casos é imperativo manter uma boa higiene da micção, que ajudará a impedir as frequentes infeções urinárias.

Convém evitar o arrasto do animal pois esta é a forma mais comum para o aparecimento de feridas, que são difíceis de solucionar por se apoiar sobre elas.



Em vez de ter pena dele e tentar protegê-lo de tudo, o tutor deve perceber que ele precisa de auto-confiança. A proteção em excesso vai fazer com que ele se sinta inseguro (...).





Para evitar as úlceras de pressão – que se formam nos cotovelos, tornozelos, ancas e osso zigomático –, é vital mudar a posição do animal com frequência e utilizar terapias de fisioterapia passivas (ou seja, é o tutor que move os membros do animal).

Ainda que esteja bem adaptado à cadeira de rodas não deve passar mais do que duas horas de cada vez preso a ela pois dessa forma não se consegue deitar e relaxar completamente, e deve ter períodos de descanso.

Os estados patológicos provocam um desequilíbrio nutricional, e uma boa nutrição é fundamental para a recuperação e saúde do animal, devendo ser estabelecida pelo veterinário.

Estes são apenas alguns conselhos para minorar as dificuldades que os animais deficientes têm de enfrentar diariamente. Acima de tudo, lembre-se que eles têm as mesmas necessidades que os outros: amor, disciplina, e exercício diário.

Sempre que possível, devem fazer passeios ao ar livre como faziam antes da doença ou acidente o ter afetado, seja com a ajuda de arneses especiais, cadeiras de rodas ou sacos de arrasto. Não deixe que a paralisia, ou a cegueira, seja uma desculpa para os privar disso. Eles merecem, por serem tão especiais!

Saber Mais:

<http://odonocuida.pt/caes-cegos-como-lidar/>

<https://www.ortocanis.com/pt/content/122-cuidados-basicos-do-cao-paralitico>

<https://www.anda.jor.br/2014/03/dicas-cuidar-caes-deficientes/>



Acima de tudo, lembre-se que eles têm as mesmas necessidades que os outros: amor, disciplina, e exercício diário.



Jardim Zoológico acolhe nascimento de ave quase extinta

Foi com grande alegria que o Jardim Zoológico de Lisboa anunciou o nascimento de uma cria de Mainá-do-bali (*Leucopsar rothschildi*), uma ave em perigo de extinção.

Classificada como uma ave “ criticamente em Perigo de extinção”, pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), devido a práticas como a desflorestação e a captura ilegal para o comércio de aves, a Mainá-do-bali é uma ave de canto natural de Bali, atualmente encontrada apenas na Reserva Natural de Barat.

Possuidora de crista branca e pele azul na zona em torno dos olhos, a ave apresenta uma plumagem predominantemente branca, mas com uma tonalidade negra nas extremidades das asas e cauda.

Preferem a orla das florestas e savanas inundadas para habitar onde procuram sementes, frutos e insetos de que se alimentam. É uma espécie monogâmica com rituais “afetivos”: os elementos do casal realizam exibições e cuidados mútuos com a plumagem.

Telma Araújo, Curadora de Aves do Jardim Zoológico de Lisboa, salientou a importância deste nascimento para o parque, uma vez que foi a primeira reprodução de sucesso desta espécie de ave, desde o início dos anos 80, altura em que foi acolhida.

Esta reprodução foi cuidadosamente pensada – o casal que deu origem à cria, um macho da Dinamarca e uma fêmea da Alemanha, foi trazido para Portugal depois de ter sido minuciosamente avaliado. Esta avaliação é feita para que seja possível formar-se potenciais pares da espécie, de modo a reproduzirem e serem reintroduzidos no seu habitat natural, na Indonésia, e reforçar a população *in situ*.

De acordo com o Jardim Zoológico a sobrevivência do Mainá-do-bali depende totalmente da sua reprodução sob cuidados humanos, da reintrodução desses indivíduos no habitat natural, e da manutenção de áreas sustentáveis para a sua sobrevivência em estado selvagem.

Saber Mais:

https://www.zoo.pt/site/animais_detalle.php?animal=134&categ=1

<https://www.sabado.pt/vida/detalhe/a-maina-do-bali-e-a-nova-cria-do-zoo-de-lisboa>

<https://observador.pt/2018/11/19/zoo-de-lisboa-nasceu-um-maina-do-bali-uma-das-aves-mais-ameacadas-do-mundo/>



XV Congresso do Hospital Veterinário Montenegro

“Dermatologia sem Segredos” é o tema do XV Congresso do Hospital Veterinário Montenegro que irá decorrer, entre os dias 22 e 24 de fevereiro, no Europarque, em Santa Maria da Feira, e promete promover a ciência num formato mais lúdico, com magia, *Stand up* e *coaching*.

Segundo o Dr. Luís Montenegro, diretor do Hospital Veterinário, na edição que se aproxima haverá várias surpresas, com o objetivo de facilitar a aprendizagem.

Para o efeito às sessões de formação estarão agregadas exposições comerciais e momentos de lazer, com a participação do humorista Guilherme Duarte e a banda Duquesa, entre muitos outros.

Mas as novidades não ficam por aqui. O congresso conta também com a Caminhada com o cão, uma prova de 5 km onde todos podem participar na companhia das famílias e dos seus animais, além de uma prova de atletismo de 10 km com prémios atrativos.

O congresso volta a premiar os melhores trabalhos de investigação na área

Sempre empenhado na melhoria do socorro prestado aos animais, o Hospital Veterinário Montenegro realiza também a 2ª Edição da Sala de Primeiros Socorros, uma iniciativa que formará, gratuitamente, bombeiros sobre os cuidados a ter ao prestar auxílio a um animal.

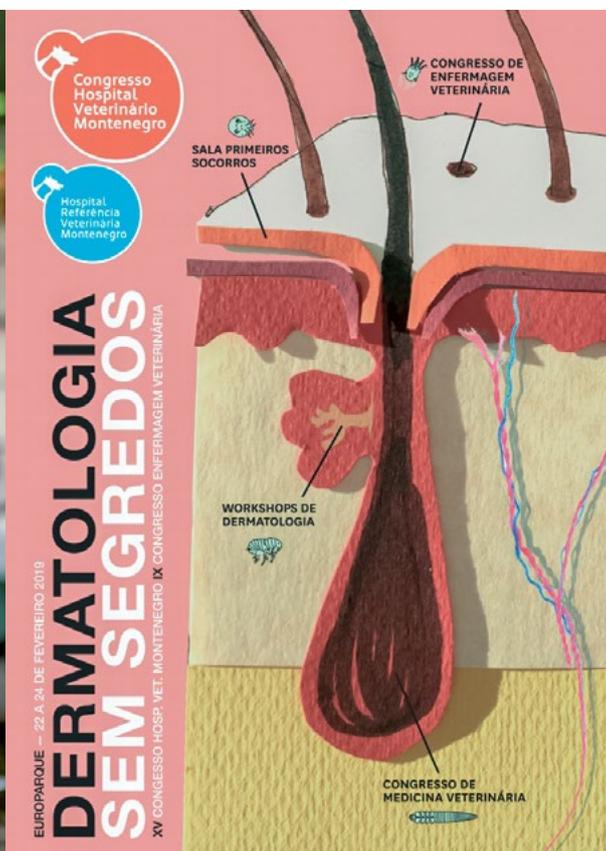
Na 15ª edição, o congresso volta a premiar os melhores trabalhos de investigação na área. Ao vencedor do Concurso Científico para melhor comunicação oral reportando um trabalho de investigação será atribuído um prémio monetário de 1000 euros.

De referir que a edição passada reuniu 1300 médicos veterinários, 460 estudantes de medicina veterinária e 580 enfermeiros e estudantes de enfermagem veterinária.

Saber Mais:

<https://congressohvm.com>

<https://miaumagazine.pt/2018/11/09/xv-congresso-hospital-veterinario-montenegro-revela-segredos-da-dermatologia-animal/>



Falta regulamentação na utilização de abelhões polinizadores nas estufas

Um estudo científico recentemente publicado recomenda aos agricultores portugueses maior cuidado na eliminação das caixas de colmeias comerciais utilizadas para polinização em estufas agrícolas.

O alerta surgiu após terem sido detetados na natureza abelhões que escaparam de colmeias comerciais – correspondentes a uma subespécie exótica em Portugal – e híbridos resultantes do cruzamento com a subespécie nativa do nosso país, o que, segundo os investigadores, representa um risco para a conservação das espécies polinizadoras e para os ecossistemas.

A introdução de uma espécie exótica num ecossistema pode ter um impacto profundo pois a espécie pode tornar-se invasora e competir por recursos com as espécies nativas, mas também pode transmitir novas doenças e até cruzar-se com outras espécies próximas. As consequências de eventuais fenómenos de hibridação são sempre imprevisíveis.

Nas estufas de culturas agrícolas, a libertação de insetos para o controlo de pragas ou a polinização de culturas é uma prática comum. Exemplo disso é o abelhão *Bombus terrestris*, que desde o final dos anos



Saber Mais:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/eva.12732>

<http://ce3c.ciencias.ulisboa.pt/outreach/press&events/ver.php?id=1019>

1980 é criado e comercializado em larga escala por todo o mundo como um polinizador eficiente de várias culturas agrícolas.

No estudo os investigadores utilizaram milhares de marcadores genéticos para comparar os abelhões provenientes de colmeias comerciais com abelhões nativos, em duas regiões do país: na zona Oeste e no Sudoeste Alentejano.

Ficou provada a existência de vários abelhões que deveriam estar confinados às estufas, assim como vários híbridos resultantes do cruzamento de abelhões comerciais com nativos.

Quando o assunto é o declínio mundial dos polinizadores, não se pode esquecer que um dos fatores de risco é a introdução de espécies exóticas e em particular a utilização em larga escala de polinizadores comerciais vindos de outros locais. Nalguns países já existem leis que impedem a utilização de abelhões não nativos, em Portugal, contudo, ainda não existe qualquer regulamentação.

Alimentação mista beneficia saúde canina



Uma das principais preocupações dos tutores é encontrar o alimento ideal para o seu animal de estimação – será o seco, o húmido, ou o misto?

Antes de mais, para escolher o melhor alimento é preciso levantar algumas questões como: É seguro? É nutritivo? É adequado às necessidades do animal?

A idade, o tamanho, o estado fisiológico, a raça ou certas especificidades dos animais são fatores a ter em conta de forma a escolher o alimento que melhor se adapte ao animal e do qual se consiga extrair o máximo de potencial.

A finalidade principal é, através da alimentação, criar um mundo melhor para os animais. Pioneira no setor de alimentação para animais de companhia, a Royal Canin lançou uma campanha de comuni-

cação que tem como objetivo explicar aos tutores os benefícios de uma alimentação mista na saúde canina.

Assim, são quatro as razões para apostar numa alimentação mista, ou *mixfeeding*: permite o equilíbrio e a precisão nutricional; é adaptável a todas as raças, tamanhos, e etapas da vida; favorece a sensação de saciedade graças ao equilíbrio nutricional e à diversidade de texturas; e promove a hidratação, o que contribui para a saúde urinária.

O *mixfeeding* pode ser feito de duas formas: através da combinação de alimento seco e húmido na mesma refeição; ou interca-

O mixfeeding permite o equilíbrio e a precisão nutricional; é adaptável a todas as raças, tamanhos, e etapas da vida; favorece a sensação de saciedade; e promove a hidratação.

lando alimento húmido numa refeição e alimento seco noutra. A porção diária de alimento deve ser calculada corretamente, tendo em conta os dois tipos de alimento, que devem complementar-se. As doses não devem ser duplicadas.

Saber Mais:

<https://www.royalcanin.pt/alimentacao-mista-para-caes-havera-algo-melhor>

<https://miaumagazine.pt/2018/11/08/alimentacao-mista/>

<https://www.royalcanin.pt/mixfeeding-cao>

ÍNDICE®

www.indice.pt

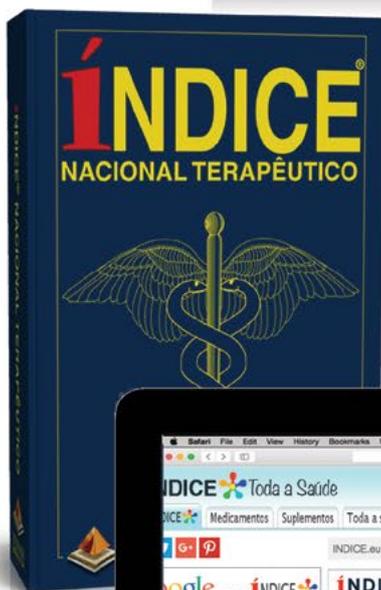
www.indice.pt



ÍNDICE®
PRO



ÍNDICE®
PRO



ÍNDICE®
DIGITAL

ÍNDICE®
Compêndio



www.indice.pt

ADVERTÊNCIAS?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores



Google play



Available on the
App Store